

A HISTÓRIA DA FUNDAÇÃO DA IRMANDADE DE MISERICÓRDIA DE GUAXUPÉ-MG

MARIA REGINA GUIMARÃES SILVA¹

1. INTRODUÇÃO

No final do século XIX e início do século XX, mediante reapropriações e reinterpretções, chegava ao Brasil um novo ideal, cuja preocupação central era a saúde da população coletiva e individual. As propostas dos profissionais da área da saúde naquela época residiam na defesa da Saúde Pública, na educação e no ensino de novos hábitos higiênicos (JÚNIOR & LOVISOLO, 2003).

Destacaram-se as ações relacionadas às atividades exportadoras, que eram consideradas como base da economia do país tal como a construção de ferrovias, o saneamento dos portos e os estudos voltados para o desenvolvimento da extração da borracha na Amazônia. Ocorreu também o desenvolvimento de trabalhos profiláticos, sobretudo de combate à malária (LIMA et al., 2005).

Naquela época, as pessoas de classe econômica mais privilegiada demonstravam preocupações com as mais carentes, visto que, se tivessem doentes na família, solicitavam médico e pagavam pelo atendimento na própria residência. As pessoas que não podiam pagar por uma consulta, procuravam por médicos, religiosos ou curandeiros e o atendimento era feito nos saguões das igrejas ou casas de caridade².

As Santas Casas de Misericórdia brasileiras foram instituídas conforme o modelo hospitalar de Portugal e foram dirigidas pelos jesuítas no período colonial, pois eram poucos os médicos diplomados em Coimbra ou Salamanca que se aventuravam em vir para o Brasil. As Santas Casas se multiplicaram em algumas cidades, atendendo de forma leiga, com poucos recursos técnicos e monetários aos doentes que a procuravam (MIOTO, 2004).

¹ Enfermeira graduada pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Mestre em Ensino em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Doutoranda em Saúde Coletiva pela UNIFESP.

² Entrevista concedida em 25 de abril de 2008 por Dr. Sylvio Ribeiro do Valle, neto do Dr. João Carlos de Magalhães Gomes, um dos fundadores da Santa Casa de Misericórdia de Guaxupé.

O objetivo desse trabalho foi resgatar a história da fundação da Santa Casa, procurando identificar o contexto histórico da época para fundação de um hospital, as pessoas envolvidas nesse propósito e relatos atuais de pessoas cujos parentescos contribuíram para tal feito.

Em 1904, com a construção da Companhia Mogiana de estradas de ferro em Guaxupé e as condições sacrificadas e insalubres de trabalho, marcadas por grande sofrimento, má remuneração e excesso de trabalho, ocorreu uma epidemia de “tifo” entre os ferroviários, que tiveram que ser alojados em barracão da própria construção e cuidados pelo cozinheiro da turma que foi, justamente, o primeiro enfermeiro do hospital. Com esse episódio nasceu a necessidade de se ter um local onde pudessem ser atendidos os doentes. A Santa Casa foi então estabelecida através da arrecadação de donativos de populares e doações particulares de sua diretoria e foi uma das grandes responsáveis pela assistência gratuita oferecida aos carentes de cuidados médicos daquela época (FILHO, 1986).

Até a década de 70, a direção interna da Santa Casa esteve nas mãos das Irmãs da Imaculada Conceição, que chegaram ao hospital em 1933. Fundada pela Madre Paulina, sendo o Espírito da Congregação ser de simplicidade, humildade e vida interior.

Atuando diretamente junto aos pacientes, no desempenho a favor da saúde ou na criação de instituições destinadas à formação de profissionais da área da saúde e fundação, dentre outros, de hospitais, as Congregações Religiosas merecem mérito pela assistência hospitalar que prestaram aos brasileiros.

Desde a sua fundação, os princípios de solidariedade humana sempre impulsionaram os procedimentos da Santa Casa de Misericórdia de Guaxupé, com a missão de acolher e cuidar dos mais carentes. Sua trajetória é marcada pela caridade, dedicação e responsabilidade.

O INÍCIO DAS SANTAS CASAS

Padilha (1998 apud Oguisso 2005, p.44) enfatiza que Florence³ conheceu e aprendeu o trabalho desenvolvido em Paris, no Hôtel-Dieu, e destaca:

³ Florence Nightingale foi protagonista de um projeto social da saúde, ocorrido no âmbito das

Hôtel-Dieu, um imenso hospital com cerca de 1200 pacientes, que chegava por vezes a 2 mil, assistidos por cerca de 150 irmãs agostinianas. Era na verdade uma imensa e horrível casa de dores e sofrimentos, onde faltavam roupas, higiene e comida, e a assistência religiosa era praticamente nula. As camas eram quase encostadas umas nas outras e comuns a vários doentes; chegavam a conter seis pessoas, três em um sentido e três no outro.

Hôtel-Dieu significa Casa de Deus e designava o hospital público, de orientação leiga, em cada cidade francesa. Esta denominação foi designada pelos franceses aos hospitais públicos que não eram vinculados a nenhuma congregação religiosa e atuavam sob administração leiga. Os cuidados ficavam a cargo de virgens, mulheres solteiras de boa reputação ou viúvas, sendo seu objetivo inicial abrigar os pobres e não apenas os doentes (OGUISSO, 2005).

Para lá eram encaminhadas as pessoas que já não tinham mais cura, que já estavam próximas de irem para Deus. Assim é que começaram, para tratar somente de pessoas que não tinham recurso financeiro para pagar a um médico. Aqueles que tinham recurso financeiro não iam para lá, se tratavam em casa. Após esse modelo criado na França, foram adotados por Portugal, que começou a criar as chamadas Misericórdias⁴.

A Rainha viúva Leonor de Lancastre, bisneta de Dom João I casara-se com apenas 12 anos de idade com seu primo, herdeiro do trono. Sua felicidade começou a se dissipar quando o príncipe assumiu o reinado como Dom João II e deu início ao seu plano centralizador, saindo em busca das terras e direitos da nobreza. Determinado e insensível eliminou aqueles que não cediam às suas ambições, incluindo os duques de Bragança e de Viseu, respectivamente, cunhado e irmão da Rainha. Em seguida, esta sofreu sua perda maior, o único filho, vitimado por queda acidental enquanto cavalgava (IVAMOTO, 2002).

transformações sociais na segunda metade do século XIX, na Inglaterra, com idéias modernizadoras na Enfermagem (FORMIGA & GERMANO, 2005). Influenciada diretamente pela sua passagem nos locais onde se executava o cuidado de enfermagem leigo e fundamentado nos conceitos religiosos de caridade, Florence Nightingale propôs bases científicas que foi, amor ao próximo, doação, humildade, e também pelos preceitos de valorização do ambiente adequado para o cuidado, divisão social do trabalho em enfermagem e autoridade sobre o cuidado a ser prestado, o que erigiu a enfermagem profissional no mundo (PADILHA & MANCIA, 2005).

⁴ Entrevista concedida em 25 de abril de 2008 por Dr. Sylvio Ribeiro do Valle, neto do Dr. João Carlos de Magalhães Gomes, um dos fundadores da Santa Casa de Misericórdia de Guaxupé.

Em 1495 morre D. João II, provavelmente envenenado. O trono é então ocupado pelo irmão de D. Leonor, D. Manuel - o Venturoso. D. Leonor resolve se afastar daquela turbulenta Corte, cheia de intrigas, de traidores e confusões, dedicando-se a obras de caridade, religiosas além de proteger as Letras e as Artes (EMBRATUR/UFSJ, 2008).

A ordem das Santas Casas de Misericórdia foi então instituída em Portugal, pela Rainha Leonor de Lancastre, no ano de 1498. Sua finalidade era ajudar a resolver os graves problemas de assistência e saúde existentes em Lisboa. Foi o início de uma das mais significativas obras filantrópicas que o mundo viria a conhecer.

Em 15 de agosto de 1498, foi fundada a primeira Irmandade de Misericórdia de Lisboa, sob os cuidados de D. Leonor. No dia 15 de setembro, a Irmandade recebia o Compromisso (Estatuto), que foi o primeiro regimento da Misericórdia, assinado pela Rainha viúva e por El-Rei Dom Manuel I, com o apoio do Frei Miguel de Contreras. O principal objetivo da prática de obras de caridade dividia-se em 4 grandes ramos: tratar os enfermos, patrocinar os presos, socorrer os necessitados e amparar os órfãos.

Após nove anos da morte de D. Leonor, em 1525, inaugurava-se o primeiro Hospital da Misericórdia ou Hospital de Todos os Santos, em Lisboa (1534).

A criação de Misericórdias, estimulados por D. Manuel e seus sucessores, repercutiu e se espalhou por Portugal, Brasil, África, Índia, Japão, Arábia, Pérsia, Indochina, China e Indonésia, assumindo muitas das obrigações sociais do Estado (IVAMOTO, 2002).

Mioto (2004), ressalta que doenças como a varíola, a febre amarela, malária e lepra apareceram no Brasil na época da colonização portuguesa, provavelmente trazidas tanto pelo colonizador europeu quanto pelo tráfico de escravos. Poucos eram os médicos diplomados em Coimbra ou Salamanca que se aventuravam em vir para o Brasil, então, a assistência aos doentes eram prestadas pelos religiosos.

Inicialmente, no período colonial, as enfermarias eram dirigidas, sobretudo pelos jesuítas, logo depois, as Santas Casas de Misericórdias, instituídas conforme o modelo hospitalar de Portugal. A caridade como forma de salvação, de acordo com a filosofia cristã e muito repercutida na Idade Média, era então repetida, pois as Santas Casas se multiplicaram em algumas cidades, atendendo de forma leiga, com poucos recursos técnicos e monetários aos doentes que a procuravam.

No Brasil, a primeira Santa Casa foi fundada pelo fidalgo português e líder do povoado do porto de São Vicente, Bráz Cubas, no ano de 1543, na Capitania de São Vicente (Vila de Santos). Por volta de 1560, deu-se a possível criação da Confraria da Misericórdia de São Paulo dos Campos de Piratininga que esteve alojada no Pátio do Colégio, nos Largos da Glória e Misericórdia, sucessivamente. Logo surgiram a da Bahia, de Tomé de Sousa; a do Espírito Santo e a do Rio de Janeiro, de José de Anchieta, a de Olinda, de João Pais Barreto, a de São Paulo, e, em seguida, centenas de outras, servindo todas as regiões, sendo responsáveis pelo atendimento da maioria da população carente do país (IVAMOTO, 1998).

A FUNDAÇÃO DA IRMANDADE DE MISERICÓRDIA DE GUAXUPÉ⁵

O primeiro trem chegou a Guaxupé em 1904, foi um marco de grande progresso com a chegada dos trilhos das estradas de ferro da Mogiana (RIBEIRO, 2004).

Assis (2004) cita que a Companhia (CIA) Mogiana desde o começo de sua atuação promoveu emprego para muitas pessoas. Os operários da Companhia inicialmente eram portugueses e com o tempo foram substituídos por trabalhadores brasileiros que adivinham de um serviço pesado com irrisória remuneração e sem a mínima garantia. Eram pessoas da roça, sendo a maioria silenciosa e retraída, eram submetidas a um trabalho, muitas vezes, sacrificado, que lhes traziam grande sofrimento. Sofrimento este devido à má remuneração, excesso de trabalho, serviço perigoso que executavam, sobretudo, devido à carência de material que lhes desse segurança e ao desespero, quando o perigo em seu trabalho parecia eminente.

Diante de situações tão estressantes e precárias, com a construção da rede mineira, houve um surto de “tifo⁶” entre os operários. Os acometidos pela doença tiveram que ser alojados em barracão da construção e cuidados pelo cozinheiro da turma, que foi o Senhor Pio Damião (FILHO, 1986).

⁵ Razão Social: Irmandade de Misericórdia de Guaxupé; Nome Fictício: Santa Casa de Misericórdia de Guaxupé.

⁶ Alecrim et al. (2002) relata que a Febre Tifóide (“Tifo”), pertencente ao gênero *Salmonella*, sendo identificado com *S. typhi*, é um problema de saúde pública em países com precárias condições sanitárias. Os clássicos sinais e sintomas da febre tifóide são: síndrome febril, diarreia, hepatoesplenomegalia ou pancitopenia ao hemograma.

Partindo da necessidade de se ter um hospital onde pudessem ser atendidos os doentes locais, surgiu então a idéia da construção de uma Santa Casa, na Vila de Guaxupé.

Naquela época, a cidade era uma vila, do foro de Muzambinho. A sociedade era eminentemente ruralista, mais vivia nas fazendas que ao redor da igreja de Nossa Senhora das Dores. Na vila, funcionava o comércio.

Filho (1986) destaca que “naquele tempo, o “estacionamento” dos animais das tropas forasteiras que chegavam à vila de Dores de Guaxupé, era em pastos cercados, localizados estrategicamente nas beiradas do lugar e onde houvesse boa aguada”.

Ressalta ainda que pertencente a um baiano, do qual não se sabe o nome, que morava só, pois sua família havia ficado na Bahia, era o Sítio onde se estabeleceu a Santa Casa, este primitivamente um desses pastos. Um dia, sentindo vontade de voltar, trocou o terreno do pasto, que começava no alto da colina, então capela da Nossa Senhora Aparecida, e descia encosta abaixo, até no vale, atrás, “onde minas esparsas juntavam na água pras mulas cansadas”, com o Coronel Joaquim Augusto Ribeiro do Valle por “dois mil réis” e mais uma mula pra viagem. Mais tarde, foi este terreno que o Coronel Joaquim Augusto doou para patrimônio imobiliário da Santa Casa.

Com as primeiras idéias da construção de um hospital, percebe-se a direção para os mesmos moldes das antigas misericórdias. Ferraz (2005) cita que partindo da idéia dos senhores João Augusto da Silva Penna, médico e lavrense e Alfredo Ribeiro da Silva fundou-se a Irmandade da Santa Casa de Misericórdia, o primeiro e único hospital em Guaxupé. À uma hora da tarde, no antigo largo do Rosário, hoje Avenida Conde Ribeiro do Valle, na casa do Sr. Antônio Costa de Oliveira, conhecido como Tonico Barbeiro, esses distintos cidadãos convocaram para uma reunião em 19 de julho de 1908, e então “reunia-se o que de mais representativo e selecto tinha Guaxupé de então” (VALLE, 1922).

Com letras desenhadas, num livro de ata já bastante corroído pelas traças, amarelado e com alguns trechos de difícil compreensão, registrou-se a primeira reunião para exposição da idéia da fundação de uma Santa Casa de Misericórdia em Guaxupé:

Acta da reunião convocada pelo Sr. Dr. João da Silva Penna e Alfredo Ribeiro da Silva para a fundação da Santa Casa de Misericórdia nesta localidade á uma hora da tarde do dia 19 de julho de 1908, reunidos em caza do cidadão Antônio Costa Barbeiro os abaixo assinados foi

aclamado presidente o Cel. Antônio Costa Monteiro e vice-presidente o Cel. Joaquim Augusto Ribeiro do Valle que convidou para secretaria o cidadão Alfredo Ribeiro da Silva, que tomando a palavra explicou os fins da reunião, cujas idéias foram unanimemente adaptadas. Por proposta do Coronel Joaquim Augusto foi eleita uma comissão para organizar os estatutos do estabelecimento, planta e orçamento de edifício, composta do Cel. Antonio Costa Monteiro, Dr. Silva Penna e Alfredo Ribeiro, incumbência. Igualmente foi eleita as Comissões a fim de angariar donativos⁷.

Com a liderança do vigário Padre Nicephoro Correa de Moraes foram eleitas as comissões de cidadãos, senhoras e cavalheiros da localidade, a fim de angariar donativos para a execução da obra. Uma comissão foi nomeada e ficou incumbida da elaboração dos estatutos da Irmandade e da organização da planta e seu orçamento (FILHO, 1986).

Em 27 de setembro de 1908, dois meses depois da primeira reunião, sob a então presidência do Cel. Antônio Costa Monteiro, nova reunião, onde local e data não estão mencionados em ata, era convocada para tomar conhecimento dos Estatutos, planta, orçamento e lista de donativos. Foram abordadas as somas angariadas pelos portadores de listas, o que trouxe grande entusiasmo aos idealizadores da Santa Casa, pois houve uma arrecadação de “doze contos novecentos e sessenta e dois mil réis”. A Assembléia optou então em iniciar a construção do edifício.

Dr. João da Silva Penna apresentou a planta e foi eleita a administração definitiva da Irmandade de Misericórdia:

Provedor: Cel. Joaquim Augusto Ribeiro do Valle

Vice-Provedor: Dr. João da Silva Penna

Tesoureiro: Raphael Vômero;

Secretário: Alfredo Ribeiro da Silva

Procurador: Bento Ribeiro Ferraz

Mesários: Cel. Antônio Costa Monteiro,

Dr. João Carlos de Magalhães Gomes,

Major Francisco Anacleto de Rezende e

Dr. Mário de Magalhães Gomes.

⁷ Primeira ata da reunião para a Fundação da Santa Casa de Misericórdia de Guaxupé, em 19 de julho de 1908. A ortografia da época foi mantida nas fontes primárias.

O primeiro provedor da Irmandade da Santa Casa de Guaxupé, o Cel. Joaquim Augusto, foi autorizado a lavrar editais com a finalidade de receber propostas para a construção do edifício e na presença de todos os membros da mesa, seriam abertas tais propostas.

O Dr. João Augusto da Silva Penna ficou a cargo da construção do prédio e a 10 de julho de 1910, estando esta terminada, era instalada a Santa Casa de Misericórdia.

Segundo Estatuto da Santa Casa de Misericórdia de Guaxupé, sob a presidência do Coronel Joaquim Augusto Ribeiro do Valle, aos dez de julho de 1910, houve uma eleição da nova mesa administrativa do Hospital, que perduraria pelo tempo de dois anos.

Foram então nomeados para Provedor, o Coronel Antônio Costa Monteiro, para vice-provedor, Raphael Vomero, para tesoureiro, elegeu-se o Major Francisco Anacleto de Rezende, para procurador, o senhor Francisco Augusto Ribeiro do Valle e para secretário, Bento Ribeiro Ferraz. Ainda na mesma eleição, foram nomeados para o cargo de “mordomos”, Coronel Joaquim Augusto Ribeiro do Valle, dr. João Carlos de Magalhães Gomes, Domingos Antonio Vomero, Américo Costa, Carlos Prospero, José Augusto Ribeiro do Valle, Custodio Ribeiro do Valle, Antonio Miguel de Souza e Silva, Luiz Costa, Esmerino Leite Ribeiro, Oswaldo Dias Ferraz e Manoel Antonio de Araújo.

O compromisso da Irmandade de Misericórdia de Guaxupé se propunha ao exercício das obras de caridade, dispensando seus socorros à todos os necessitados, sem distinção de crença ou nacionalidade.

Cabe ressaltar que aos mordomos, competia inspecionar e dirigir toda a administração interna do hospital, dar entrada aos enfermos no hospital, por um visto em todas as contas e substituir o provedor em todos os seus impedimentos. Em caso de falecimento do provedor, era nomeado para sua substituição, um mordomo.

Quanto ao patrimônio da Irmandade, o Estatuto ainda revela como fundamentais: o edifício, legados e doações, anuidades e jóias. Foram colocados “cofres” para as esmolas arrecadadas no interior da Santa Casa. No hospital eram admitidos enfermos mediante pensão determinada, sem prejuízo da admissão dos pobres e inválidos.

O provedor tinha os mordomos como seus principais auxiliares, nomeando assim, um “mordomo dos presos”, para visitar as prisões, dispensar os possíveis socorros aos encarcerados, zelar e promover a regeneração dos criminosos e viciados; um “mordomo dos expostos”, que promovia a recreação e educação da infância desvalida; e um “mordomo dos socorros”, que dispensava os auxílios possíveis a todos os necessitados, não minimizando esforços.

Não existem dados precisos sobre a Enfermagem naquela época, embora tais instituições tenham contado com essa assistência. O cuidado ao doente era feito pelos religiosos que utilizavam os serviços de voluntários e dos ex-escravos. Assim, o título de prático podia ser obtido por qualquer pessoa com pequena experiência no tratamento dos enfermos. Pela idéia que se fazia da Enfermagem na época ou pelo pouco conhecimento científico, eram meras as exigências para o desempenho das funções atribuídas ao enfermeiro. Durante longo período, então, as funções de Enfermagem eram relegadas ao plano doméstico, ou religioso, sem nenhum caráter técnico ou científico (GEOVANINI et al, 2002). No início do século XX, no Brasil, as práticas de enfermagem eram desenvolvidas por pessoas leigas, irmãs de caridade e pessoas com treinamento dado por médicos, ligadas a diversas instituições hospitalares (ABRÃO, 2006).

O primeiro enfermeiro contratado pela Santa Casa de Guaxupé foi justamente o cozinheiro da turma da CIA Mogiana.

No hospital, junto com sua mulher e sobrinhos, eram os responsáveis pela direção interna, pela cozinha da enfermagem, limpeza e relações públicas. “Eram os conhecidos Dona Jerônima e Pio Damião”.

Quem cuidava da Santa Casa era o Pio com a esposa dele, que era a Dona Jerônima, e o povo a chamava de Dona Jeroma. Era um casal de raça negra. Quando iniciaram, eles trabalhavam sem remuneração, e à medida que o hospital foi crescendo, é que eles passaram a receber. Eles foram beneméritos, pois corriam risco de adquirir doenças contagiosas, mas não tiveram medo. E eles assumiram todo o hospital, cozinha, lavanderia, ressaltando que a lavanderia naquela época era muito precária, aumentando os riscos⁸.

⁸ Entrevista concedida em 25 de abril de 2008 por Dr. Sylvio Ribeiro do Valle, neto do Dr. João Carlos de Magalhães Gomes, um dos fundadores da Santa Casa de Misericórdia de Guaxupé.

Valle & Valle (1984, p.419) cita que “preto na cor de sua epiderme, mas alvo nas suas ações, líder de seus irmãos de raça, a favor dos quais batalhou a vida inteira com pertinácia, Pio Damião”. Ele chegou a Guaxupé com sua esposa, companheira e colaboradora inseparável por mais de 30 anos. Ambos tinham grande êxito em sua atuação no hospital, foram “anos seguidos, acompanhados com simpatia e gratidão por todos aqueles que tiveram a ventura de conhecê-los”. Eles tratavam a todos os internados da Santa Casa com a mesma solicitude, igualdade de carinho e interesse pelo pronto restabelecimento da saúde de cada um dos doentes.

Valle (1922) destaca que há uma breve citação que discorre o seguinte: “Como enfermeiros o Sr. Pio Damião e sua digna consorte D. Jerônima merecem um voto de louvor, pela dedicação e zelo”.

Filho (1986) destaca que em 10 de outubro de 1910, os membros fundadores da Santa Casa se reuniram para prestação de contas, em local e hora não declarados, sob a presidência do Cel. Joaquim Augusto Ribeiro do Valle. A construção do hospital demorou dois anos, até a exposição do tesoureiro Raphael Vômero que declarou uma arrecadação de 17:991\$30 (dezessete contos novecentos e noventa e um mil trinta reis) e os gastos com a construção chegaram a 18:698\$230 (dezoito contos seiscentos e noventa e oito mil duzentos e trinta reis), o que resultava um saldo devedor de 706\$820 (Setecentos e seis mil oitocentos e vinte reis). Aclamou-se então uma nova Diretoria, onde por proposta do Coronel Joaquim Augusto Ribeiro do Valle, o provedor aclamado foi o Cel. Antônio Costa Monteiro. O Dr. João Carlos de Magalhães Gomes propôs que para a continuação das obras da Santa Casa, cada irmão contribuísse com 1\$000 mensais e que também fosse estabelecida uma comissão que angariasse donativos para a conclusão do prédio e constituição do patrimônio do hospital. Então foram apresentados, lidos e aprovados os estatutos da Irmandade, nessa mesma sessão.

O mesmo autor descreve ainda que em 16 de agosto de 1912, só dois anos depois, é que os movimentos clínicos e financeiros foram apresentados. No período de 14 meses, entre fevereiro de 1911 a abril de 1912 os Drs. José Borges C. e Jorge Sant’Anna descreveram que houve 27 doentes recolhidos, que ficaram em tratamento por um longo período, informaram ainda que vários deles, além de outros enfermos internados por conta de particulares não tiveram seus nomes anotados. Percebe-se que “parte dos doentes citados pertence ao pessoal operário da construção da Rede Sul

Mineira”. Nesta mesma reunião o provedor anunciou que até a presente data não havia recebido subvenções Estadual e Federal, apesar de esforços para isso empregados. Quatro meses depois, em 30 de Dezembro de 1912, estavam presentes no Banco de Guaxupé, em reunião cujo fim era a tomada de contas até a presente data os “sócios abaixo assinados”, conforme ata lavrada. O tesoureiro fez a apresentação das contas...

depois de minucioso exame pela assembléia foram aprovadas, verificando-se que a receita foi de nove contos setecentos e vinte e sete mil oitocentos e oitenta reis (9:727\$880), e as despesas de três contos trezentos e vinte e sete mil seiscentos e doze reis (3:327\$612), havendo um saldo de seis contos e quatrocentos mil e trezentos reis (6:400\$300), sendo cinco contos quinhentos e quarenta mil e trezentos reis (5:540\$300) depositados no Banco de Guaxupé e uma letra no nome do Vigário Padre Joaquim Pinto Fraissat, de 860\$000. Era esse o patrimônio em dinheiro⁹.

Ferraz (2005) ressalta que devido à falta de médicos, mais do que qualquer outro motivo, na vila de Dolores de Guaxupé, do ano de 1910 a 1913 a Santa Casa não teve um movimento contínuo, funcionando com bastante irregularidade. O primeiro clínico do hospital, Dr. Jorge Sant’Anna, foi um médico prestativo e com sua chegada foi regulamentado o movimento interno e a partir de então, todos que necessitassem poderiam contar com as portas abertas da Santa Casa, “abriu as suas portas para sempre, aos quais dela necessitassem” (VALLE, 1922).

Através da arrecadação de donativos de populares, doações particulares da diretoria da Santa Casa, festas e subscrições é que se pôde sustentar a manutenção nos seus primeiros anos.

Em 1916, um novo provedor, o Sr. Adolpho Schimidt Júnior, foi aclamado após a provedoria do Coronel Antônio Costa Monteiro. Ele melhorou as instalações internas e prestou relevantes serviços à Santa Casa.

Até 1916 ainda não tinha sido criado um Centro Cirúrgico na Santa Casa de Guaxupé. Segundo Ferraz (2005), neste mesmo ano, em um ato de caridade com os mais pobres, a Condessa Ribeiro do Valle, “um espírito lúcido e altamente caritativo”, percebendo as necessidades do hospital, fez duas agraciadas doações. Com esse capital foi então possível construir o primeiro Centro Cirúrgico e o Necrotério do hospital.

⁹ Ata da Sessão Ordinária da Irmandade da Associação do Hospital de Guaxupé em 30 de dezembro de 1912. A ortografia da época foi mantida nas fontes primárias.

Em 20 de outubro de 1927, o Bispo D. Ranulpho fez uma visita à Santa Casa de Misericórdia de Guaxupé a fim de verificar a possibilidade de enviar as Irmãs de Caridade para assumirem a parte administrativa e de enfermagem do Hospital.

Posteriormente, em 1933, a Congregação das Irmãs da Imaculada Conceição se estabeleceu na Santa Casa de Misericórdia de Guaxupé, permanecendo até a década de 70 neste cargo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prioridade da ação sanitária nos primeiros tempos da República era controlar as epidemias de febre amarela, peste tifóide e varíola, que ultrapassou várias barreiras. Pode-se analisar esse fato associado ao aumento das imigrações naquele período com o aumento crescente da zona de abrangência das ferrovias. O período de expansão da malha ferroviária por todo o país elevou consideravelmente o número de doenças que até então, eram incuráveis.

A Companhia Mogiana de Estradas de Ferro trouxe o primeiro trem a Guaxupé no ano de 1904. Com as condições precárias de serviço, má remuneração e grande sofrimento, os trabalhadores da companhia foram acometidos por um surto de “tifo”. Os doentes tiveram que ser alojados no barracão da própria construção e serem cuidados pelo cozinheiro da turma, o senhor Pio Damião, que mais tarde, com a fundação da Santa Casa, prestaria seus serviços por mais de duas décadas na enfermagem e limpeza.

Então, partindo da necessidade de se ter um local adequado onde os doentes pudessem ser atendidos, idealizou-se a construção de uma Santa Casa, com uma direção voltada para os mesmos moldes das antigas Misericórdias.

Com a elaboração deste trabalho, foi possível resgatar a história da fundação do hospital, mas infelizmente, com algumas lacunas, já que a instituição não possui um acervo específico para o acondicionamento do material que retrata sua fundação. O propósito da Santa Casa sempre foi acolher e cuidar dos mais carentes, e hoje, tendo prestado um século de assistência, relembra a sua história, engrandece e a torna ainda mais importante, pois é visível a evolução, com o acompanhamento da tecnologia e dos saberes teórico-práticos.

Deixamos como proposta, futuras pesquisas, já que se torna necessário o entendimento do passado para a compreensão do presente e do futuro, que deve ser relatado e repassado às gerações futuras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRÃO, Fátima Maria da Silva. **Primórdios da Enfermagem Profissional na Cidade do Recife – Pernambuco**: raízes da pré-institucionalização da formação do campo organizacional (1922-1938). Tese (Doutorado em Enfermagem). Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto, 2006.

ASSIS, PE. Olavo Amadeu de. Os Ferroviários da Companhia Mogiana. IN: VALLE, José Ribeiro do & VALLE, Geraldo Ribeiro do. **Guaxupé Memória Histórica A Terra e a Gente**. 2.ed. Guaxupé – MG: Gráfica Nossa Senhora de Fátima, 2004, p. 267.

FERRAZ, Wilson. Santa Casa de Misericórdia de Guaxupé. **Correio Sudoeste**, Guaxupé – MG, 7 de maio de 2005, p.8

FILHO, Dr. Alberto Carlos. **Histórico da Santa Casa de Guaxupé**. Documento Pessoal. Guaxupé, 07 de abril de 1986.

GEOVANINI, Telma et al. **História da Enfermagem Versões e Interpretações**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2002.

IVAMOTO, Henrique Seiji. **Misericórdias: O Magnífico Legado Luso**. 02 de maio de 2002. Disponível em: <http://www.scms.com.br/historico.htm>. Acesso em 18 de agosto de 2010.

IVAMOTO, Henrique Seiji. **Santa Casa da Misericórdia de Santos: sinopse histórica**. Acta Medica Misericordiae 1 (1):7-10, Out 1998. Disponível em: http://www.scms.org.br/noticia.aspxcodigo=42&COD_MENU=24. Acesso em 18 de agosto de 2010.

JÚNIOR, Edivaldo Góis; LOVISOLO, Hugo Rodolfo. **A educação física e concepções higienistas sobre raça: uma reinterpretação histórica da educação física brasileira dos anos de 1930**. Rev Port Cien Desp 3(V) 322–328. Disponível em: http://www.fade.up.pt/rpcd_arquivoartigos_soltosvol.5_nr.31.07.e_junior.pdf. Acesso em 12 de julho de 2010.

LIMA, Nísia Trindade (org.). **Saúde e Democracia História e Perspectivas do SUS**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.

MIOTO, Odilamar Lopes. **Formação Profissional e Trabalho**: Aspectos Relativos aos Técnicos de Enfermagem. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação, UNICAMP. Campinas, 2004.165p.

OGUISSO, Taka (org.). **Trajatória Histórica e legal da enfermagem**. Barueri, SP: Manole, 2005.

RIBEIRO, Venerando Vieira. CIA Mogiana de Estradas de Ferro A Mogiana jamais será esquecida. IN: VALLE, José Ribeiro do & VALLE, Geraldo Ribeiro do. **Guaxupé Memória Histórica A Terra e a Gente**. 2. ed. Guaxupé – MG: Gráfica Nossa Senhora de Fátima, 2004, p. 262-263.

VALLE, José Ribeiro do & VALLE, Geraldo Ribeiro do. **Guaxupé Memória Histórica A Terra e a Gente**. São Paulo: Câmara Brasileira do Livro, 1984.

VALLE, Luiz Ribeiro do. et al. Santa Casa de Misericórdia de Guaxupé. **Revista de Guaxupé**. Número especial para a exposição. Guaxupé, Setembro de 1922.